

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO**  
**ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Maj Inf HEBER LEITE GOMES

**A doutrina de operações no Pantanal e sua relação com  
a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice  
Aliança**



Rio de Janeiro  
2023

Maj Inf **HEBER LEITE GOMES**

## **A doutrina de operações no Pantanal e sua relação com a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: TC Inf LUÍS HENRIQUE VIGHI **TEIXEIRA**

Rio de Janeiro  
2023

G633d Gomes, Heber Leite

A doutrina de operações no Pantanal e sua relação com a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança. / Heber Leite Gomes. - 2023.

42 f ; il ; 30 cm

Orientação: Luís Henrique Vighi Teixeira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023.

Bibliografia: f. 40-41

1. Campanha do Mato Grosso. 2. Guerra da Tríplice Aliança. 3. Operações no Pantanal. 4. Doutrina. I Título.

Maj Inf **HEBER LEITE GOMES**

## **A doutrina de operações no Pantanal e sua relação com a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em \_\_\_\_\_.

### COMISSÃO AVALIADORA

---

**LUÍS HENRIQUE VIGHI TEIXEIRA** – TC Inf - Presidente  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

**PEDRO WINKELMANN SANTANA DE ARAÚJO** – Cel R1 - Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

**AMAURY SIMÕES DOS SANTOS JUNIOR** – Cel R1- Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa Jeanne e às minhas filhas Juliana e Alice. Obrigado por tornarem meus dias mais felizes. Uma sincera homenagem pelo carinho e compreensão demonstrados durante a realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por todas as oportunidades e conquistas alcançadas, pelos ensinamentos que a escola da vida nos proporciona na vida diária.

Ao meu orientador, TC Teixeira, pela paciência, confiança, camaradagem e precisão nos apontamentos dados em cada etapa deste trabalho.

Ao comando da 18ª Brigada de Infantaria de Pantanal, atenção e cuidado no fornecimento dos dados que consubstanciaram esta pesquisa.

Aos meus pais Ednilson e Francisca, por todo amor, carinho e educação dedicados a minha formação pessoal.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.” (Chico Xavier)

## LISTA DE ABREVIATURAS

Bda Inf Pan	Brigada de Infantaria de Pantanal
END	Estratégia Nacional de Defesa
PND	Política Nacional de Defesa
PEEx	Plano Estratégico do Exército
SISFRON	Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteira
OEE	Objetivos Estratégicos do Exército
PBC	Pasta Base de Cocaína
SASI	Subárea de Segurança Integrada
OM	Organização Militar
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
PIB	Produto Interno Bruto
ENAFRON	Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras
PPIF	Programa de Proteção Integrada de Fronteiras
GSI	Gabinete de Segurança Institucional
CMA	Comando Militar da Amazônia
LC	Lei Complementar
MD	Ministério da Defesa
EMCFA	Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas
Rec Fron	Reconhecimento de Fronteira
Op	Operação/Operações
SU	Subunidade
Pel	Pelotão
GC	Grupo de Combate
CDIF	Comissão Permanente para o Desenvolvimento e a Integração da Faixa de Fronteira
COp	Centro de Operações
CMA	Comando Militar da Amazônia
Cia Esp Fron	Companhia Especial de Fronteira



PEF	Pelotão Especial de Fronteira
DEF	Destacamento Especial de Fronteira
C Fron	Comando de Fronteira
F Ter	Força Terrestre

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo apresentar a Doutrina de Operações no Pantanal e sua relação com a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança. Para tanto foram explorados aspectos referentes a Campanha do Mato Grosso em sua vertente tática; a identificação dos principais aspectos da doutrina de Operações no Pantanal; a análise das principais providências tomadas pelo Exército após a Guerra da Tríplice Aliança que influenciaram o legado histórico da Campanha de Mato Grosso para a atual Doutrina de Operações no Pantanal. A pesquisa foi realizada por meio da consulta a artigos publicados, manuais, documentos internos, relatórios, sítios oficiais do Governo Federal e do Exército Brasileiro, além de outros trabalhos acadêmicos relacionados ao assunto. A análise dos resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica demonstra que a doutrina atualmente empregada pelo Exército Brasileiro na região tem grande influência histórica, principalmente dos eventos ocorridos na Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança. Este estudo ganha relevância com a transformação da 18ª Bda Inf Fron em 18ª Bda Inf Pan. Por fim, as lições aprendidas na História ainda mostram sua relevância na atualidade, influenciando na atual doutrina militar terrestre Brasileira.

**Palavras-chave:** História; Guerra da Tríplice Aliança; Operações no Pantanal; e Doutrina Militar Terrestre.

## ABSTRACT

This work aimed to present the Doctrine of Operations in the Pantanal and its relation to the Mato Grosso Campaign of the War of the Triple Alliance. For this purpose, aspects related to the Mato Grosso Campaign in its tactical aspect were explored, as well as the identification of the main aspects of the Doctrine of Operations in the Pantanal. The analysis also included an examination of the main measures taken by the Army after the War of the Triple Alliance that influenced the historical legacy of the Mato Grosso Campaign on the current Doctrine of Operations in the Pantanal. The research was conducted through the consultation of published articles, manuals, internal documents, reports, official websites of the Federal Government and the Brazilian Army, as well as other academic works related to the subject. The analysis of the results obtained through the bibliographic research demonstrates that the doctrine currently employed by the Brazilian Army in the region has significant historical influence, mainly from the events that occurred in the Mato Grosso Campaign of the War of the Triple Alliance. This study gains relevance with the transformation of the 18th Infantry Border Brigade into the 18th Infantry Pantanal Brigade. Finally, the lessons learned from history still show their relevance in the present, influencing the current Brazilian land military doctrine.

**Keywords:** History; War of Triple Alliance; Operations in the Pantanal; and Land Military Doctrine

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. ASPECTOS TÁTICOS DA CAMPANHA DO MATO GROSSO .....</b>	<b>13</b>
3.1 A invasão paraguaia .....	14
3.2 A Retirada da Laguna .....	26
3.3 A Retomada de Corumbá.....	27
<b>4. A DOUTRINA MILITAR TERRESTRE NA REGIÃO DO PANTANAL .....</b>	<b>ERRO!</b>
INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
4.1 Operações Ribeirinhas .....	25
4.2 Operações Defensivas .....	26
4.3 Operações Ofensivas .....	27
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Guerra da Tríplice Aliança foi o maior conflito armado entre Estados da América Latina (Iseckson, 2002). Foi um evento de grandes proporções que influenciou decisivamente na evolução do Exército Brasileiro.

A Campanha do Mato Grosso foi a fase inicial do conflito, que iniciou-se com a invasão paraguaia da Província de Mato Grosso em 1864 e terminou com sua retirada em 1868 (Doratioto, 2002). Esse evento teve uma influência marcante na história e na cultura da região dos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e na doutrina empregada pelo Exército Brasileiro na região.

A invasão paraguaia gerou enormes dificuldades para o Império que possuía efetivo militar muito reduzido na Província de Mato Grosso e acabou por permitir a ocupação de diversas cidades da região sem grande resistência. (Barroso, 1945). Dessa forma, o Exército Brasileiro mudou drasticamente a sua estratégia militar na região, contribuindo para o desenvolvimento de uma doutrina apropriada para o ambiente operacional do pantanal.

O Pantanal é uma área estratégica e de fronteira que tem um terreno peculiar caracterizado pela influência da bacia hidrográfica do rio Paraguai. A particularidade da região possibilita o desenvolvimento de uma doutrina específica que contemple operações ribeirinhas e adaptações para as operações ofensivas e defensivas.

Este trabalho irá discorrer sobre os eventos históricos da Campanha do Mato Grosso ocorrida durante a Guerra da Tríplice Aliança e sua possível relação com a atual doutrina preconizada pelo Exército na região do Pantanal

Esta pesquisa será realizada por meio da análise dos principais eventos ocorridos na Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança, buscando verificar quais aspectos da atual doutrina já se encontravam presentes naquela situação ou surgiram como consequência daqueles eventos históricos.

Para tanto, foram elencados alguns objetivos intermediários para conduzir o raciocínio ao entendimento das ações implementadas pela Brigada Príncipe da Beira no combate aos crimes transfronteiriços, sendo:

- a. Compreender os aspectos táticos da Campanha do Mato Grosso e sua relação com a atual doutrina de Operações no Pantanal;
- b. Identificar os principais aspectos da doutrina de Operações no Pantanal; e

c. Analisar as principais providências tomadas pelo Exército após a Guerra da Tríplice Aliança que influenciaram o legado histórico da Campanha de Mato Grosso para a Doutrina Atual de Operações no Pantanal.

Este estudo delimitou-se a analisar a atual doutrina empregada pelo Exército Brasileiro no Comando Militar do Oeste, particularmente na região do Pantanal.

A importância deste trabalho deve-se a existência de poucas fontes de consultas específicas sobre Operações no Pantanal. Além disso, o estudo serve como fonte de consulta para pesquisas futuras que busquem se debruçar sobre o tema.

A transformação da 18ª Bda Inf Fron em Bda Inf Pan, demonstra a singularidade do ambiente operacional do Pantanal, o que demanda uma doutrina específica para esta porção do território nacional, reforçando assim a relevância deste trabalho de conclusão de curso.

## 2. METODOLOGIA

Esse trabalho procurou fazer uma pesquisa bibliográfica de obras já escritas sobre a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança e a Doutrina Militar Terrestre empregada pelo Exército Brasileiro no Pantanal.

Nesse contexto, quanto ao objetivo, este estudo foi de caráter descritivo, pois descreveu as possíveis relações entre os eventos ocorridos na Campanha do Mato Grosso e as operações no Pantanal.

No que tange aos procedimentos de pesquisa, o trabalho foi realizado com base em bibliografias e documentos, que embasarão a a relação entre a História da Campanha do Mato Grosso e a atual Doutrina de Operações no Pantanal.

Este estudo realizou o levantamento de dados por meio de pesquisa bibliográfica de literatura (livros, trabalhos acadêmicos, jornais, revistas e redes eletrônicas), além de documentos internos produzidos pelo Exército Brasileiro e pela Marinha do Brasil. As consultas serão baseadas nas principais fontes de pesquisa de trabalhos acadêmicos, como as plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo Biblioteca Digital do Exército e EB Revistas.

O tratamento dos dados foi realizado por meio da comparação de uma análise sobre as operações ocorridas na Campanha do Mato Grosso e a sua influência nos aspectos da Doutrina Militar Terrestre adotada na região do Pantanal.

O método foi limitado pela pesquisa em livros que já se encontram escritos, tendo em vista que não há possibilidade de fazer trabalhos de campo na região onde se desenvolveu o conflito. O estudo se limita ainda, aos dados fornecidos por pesquisadores da história que tenham conhecimento de impacto acadêmico. Por fim, o trabalho será limitado aos trabalhos acadêmicos, artigos científicos, periódicos, jornais e revistas disponíveis em plataforma digital.

### 3. ASPECTOS TÁTICOS DA CAMPANHA DO MATO GROSSO

A complexa Geopolítica do Prata foi marcada pela instabilidade, o que levou a ocorrência de diversos conflitos como a Guerra contra Oribe e Rosas (1851) e Guerra contra Aguirre (1864). A Guerra da Tríplice Aliança foi o ápice desses conflitos, tendo sido também o mais longo e destrutivo de todos.



Figura 1 – Tropa de Venâncio Flores na Guerra Civil Uruguia

Fonte: arquivo do autor

A disputa pela livre navegação nos rios Paraná e Paraguai era um dos principais motivos para as disputas na região. Para o Paraguai essa situação era vital por ser sua única saída para o mar e para o Brasil era o único acesso regular para a Província de Mato Grosso. Tal situação colocava o Império em rota de colisão com a agressiva política externa de Solano López (Doratioto, 2002).

Além disso, existia uma região contestada pelo Paraguai no Oeste da Província do Mato Grosso que foi alvo de diversas disputas diplomáticas desde o período colonial, nas quais ficou definida a linha de fronteira balizada pelo rio Apa, ao passo que o Paraguai pleiteava que a demarcação fosse realizada no rio Branco, não aceitando a posição do Império.

Assim sendo, o governo paraguaio intensificou os seus preparativos para o conflito a partir do início de 1864. As compras de armamentos e material militar vinham se intensificando. Em setembro de 1864 o Paraguai já possuía mais de 30 mil homens no Exército enquanto que a Marinha já dispunha de mais de 11 vasos de guerra. Tal situação fazia com que López se tornasse confiante no seu poderio militar, o que o levou a ameaçar o Império com a guerra por diversas vezes no caso de intervenção no Uruguai. (Doratioto, 2002)



A diplomacia Brasileira não foi capaz de evitar o conflito. O autoritarismo do regime de López não permitia que se conhecesse com exatidão o que acontecia no país e os diplomatas que haviam passado pela Legação Brasileira em Assunção custavam a acreditar que o presidente paraguaio iniciaria um conflito com uma desproporção tão grande de recursos como era o caso do Império em comparação com a república guarani. Dessa forma, ao subestimarem a capacidade paraguaia de iniciar uma ação militar, os governos de Buenos Aires e do Rio de Janeiro permitiram que Solano López adquirisse a iniciativa das ações por meio de ousadas ações ofensivas no Mato Grosso, no Rio Grande do Sul e na província argentina de Corrientes, fato que lhe permitiu grande vantagem no início do conflito.

A Guerra civil ocorrida em território uruguaio opondo os partidos Blanco e Colorado e a intervenção do Império em apoio aos Colorados liderados por Venâncio Flores serviram de pretexto para que o Paraguai iniciasse as hostilidades com o Brasil, alegando que a atuação Brasileira no Uruguai era uma declaração de guerra. (Doratioto, 2002)

“O Paraguai” — escreveu Thompson — “começou a preparar-se ativamente para a guerra em princípios de 1864; em março desse ano, López estabeleceu um acampamento militar em Cerro León, no qual adestrava para a guerra um exército de 30.000 homens de 16 a 50 anos de idade. Ao mesmo tempo exercitava 17.000 recrutas em Encarnación, 10.000 em Humaitá, 4.000 em Assunção e 3.000 em Concepción. O total dos homens preparados militarmente nos seis meses de março a agosto de 1864 eleva-se a 64.000, sem contar uns 6.000 que morreram nesse período. Antes de dar princípio a esses preparativos, o exército contava 28.000 veteranos e um só general: López.” (Fragoso, 2009, p. 220)

A preparação paraguaia para o conflito tinha como objetivo garantir uma vitória rápida contra o Império antes que este mobilizasse tropas e recursos dispersos por todo o país. Enquanto isso a tanto o Brasil como a Argentina não acreditavam que López tomaria a iniciativa de iniciar o conflito mais sangrento da América do Sul. No caso do Brasil o efetivo total do Exército não passava de 18 mil homens espalhados no território nacional, o que levava López a uma expectativa de vitória rápida e decisiva sobre o Império.

A Campanha do Mato Grosso foi o conjunto das Operações Militares ocorridas na Província de Mato Grosso a partir da invasão paraguaia em dezembro de 1864 até a sua total retirada em 1868 (Barroso, 1945). No desenrolar do conflito, com a

formação da Tríplice Aliança e sua posterior contraofensiva em território paraguaio, esse Teatro de Operações mostrou-se secundário.

As principais operações ocorridas foram a invasão paraguaia, a Retirada da Laguna e a Retomada de Corumbá. Cada um desses eventos, bem como as respectivas reações proporcionaram significativos ensinamentos para o Exército Brasileiro.

### **3.1 A Invasão Paraguaia**

A invasão paraguaia à província de Mato Grosso ocorreu em dezembro de 1864. A tropa invasora foi dividida em duas colunas, uma fluvial comandada pelo coronel Vicente Barrios e outra terrestre, a Divisão do Norte, sob o comando do coronel Isidoro Resquin (Barroso, 1945). Em 27 de dezembro as tropas de Barrios, que haviam saído de Assunção três dias antes, iniciaram o ataque ao Forte de Coimbra. Após dois dias de ataques o Forte foi evacuado por ordem do tenente-coronel Porto-Carrero que estava no comando no momento do ataque guarani. (Barroso, 1945; Doratiotto, 2002). Após ocuparem o forte subiram o rio Paraguai e ocuparam as localidades de Albuquerque e Corumbá sem grandes dificuldades, tendo em vista terem sido evacuadas (Barroso, 1945) A ocupação de Corumbá foi assim descrita pelo engenheiro britânico George Thompson:

Fora em fins de dezembro de 1864 Corumbá tomada e devastada pelos paraguaios. Era a principal praça comerciante de Mato Grosso: e o inimigo ali realizou mui considerável presa. Haviam-se os habitantes refugiado nas matas vizinhas, mas Barrios os perseguiu. Saqueadas as casas, vários objetos roubados, e dos mais valiosos, remeteram-se a Lopes que não hesitou em os guardar, sobressaindo-se Barrios entre todos os que assim procederam. A um brasileiro rico, e sua filha, levaram a bordo do seu navio: e quando o pai recusou deixar a menina a sós com o chefe paraguaio, arrastaram-no à força, ficando a infeliz criança no navio. Pôs Barrios em tratos todos os que lhe caíram às mãos, quando queriam ou não podiam dar-lhe as informações pedidas, ordenando que os espancassem: foram vários lanceados como espões (Thompson, 1869 p.35)

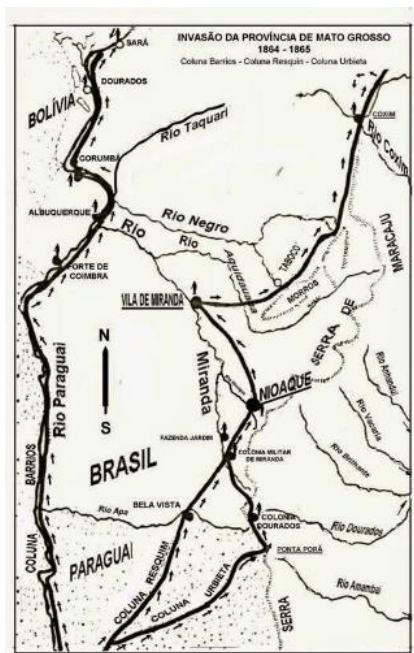


Figura 2 – Croqui da Invasão de Mato Grosso

Fonte: (Barroso, 1945)

A Divisão do Norte partiu de Conceição, atravessou o rio Apa e adentrou no território Brasileiro com o grosso de suas tropas por Bela Vista e outras tropas por Dourados e Ponta Porã. As tropas de Solano López tiveram sua progressão facilitada pela reduzido efetivo militar na região. Conforme descrito por Gustavo Barroso:

A invasão paraguaia ia por deante. O flanco-guarda de Urbietta não encontrára obstáculos e reunira-se ao grosso no caminho de Miranda. As raras e esparsas populações Brasileiras iam fugindo deante do invasor. O abandono, o desamparo da região meridional de Mato Grosso permitiram a Resquin chegar até Coxim, ponto onde por algum tempo cortou as comunicações entre a capital da província e a capital do Império. (Barroso, 1945)

Após o sucesso inicial da ofensiva paraguaia, o governo Imperial se viu sob a difícil situação de formar mobilizar um exército e deslocá-lo para a região invadida, o que se tornava particularmente difícil, tendo em vista que o acesso pelo rio Paraguai encontrava-se bloqueado devido ao início das hostilidades. (Fragoso, 2009).



Figura 3 – Deslocamento da tropa Brasileira para mato grosso

Fonte: (l'Ilustración, 1866)

Diante da comoção da opinião pública, as autoridades do Rio de Janeiro criaram o Corpo Expedicionário de Mato Grosso que tinha a missão de reestabelecer a fronteira na região da província invadida pelos paraguaios. O isolamento no qual se encontrava a Província de Mato Grosso, devido a interrupção do tráfego fluvial que era a principal ligação da província com a capital do Império. Dessa forma, o reforço enviado pelas autoridades do governo central teve que ir por terra, atravessando terrenos difíceis e pouco explorados.

### **3.2 A Retirada da Laguna**

Todo o movimento paraguaio na Província de Mato Grosso não enfrentou efetiva resistência. Os militares que se situavam em localidades como Corumbá, Miranda e Coxim se deslocaram para Cuiabá, abandonando a população local ao domínio paraguaio (Fragoso, 2009).

Após a rendição de Uruguaiana ocorrida em setembro de 1865, os esforços das Forças da Tríplice Aliança concentraram-se nas operações realizadas em território paraguaio, o que fez do Teatro de Operações de Mato Grosso um esforço secundário para as autoridades do Império. As dificuldades do terreno, sua escassa população e

sua distância do litoral tornavam quase impossível a realização de operações de vulto nesta região, o que fez com que o plano inicial de Caxias de enviar uma coluna para o Paraguai por Norte fosse abandonado. Dessa forma, A Província de Mato Grosso permanecia no estado de isolamento, demandando envio de tropas de outras regiões. (Taunay, 1875)

Taunay assim descreve a situação da província de Mato Grosso no contexto do conflito:

“Para dar uma idéia, algum tanto exata, dos lugares onde, em 1867, ocorreram os acontecimentos cuja narrativa se vai ler, convém lembrar que, ao finalizar de 1864, havendo o Paraguai atacado e invadido, simultaneamente, o Império do Brasil e a República Argentina, achava-se decorridos dois anos, após tal investida, reduzido a defender seu próprio território, invadido do lado do sul, pelas forças conjuntas das duas potências aliadas, a quem coadjuvava pequeno contingente de tropas da República do Uruguai.” (Taunay, 1875 p. 8)

Essa situação levou o governo Imperial a criar a Força Expedicionária de Mato Grosso que reuniu diversas tropas de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Goiás em 1865. (Barroso, 1945) Em janeiro de 1867 essa tropa se concentrou em Miranda sob o comando do coronel Camisão e recebeu a missão de reestabelecer a fronteira no rio Apa na região de Bela Vista. Tal missão foi cumprida após longo e penoso deslocamento pelo Pantanal. No entanto, o coronel Camisão decidiu penetrar em território paraguaio para se apossar de uma grande quantidade de gado que se encontrava na fazenda Laguna, de propriedade de Solano López. (Taunay, 1875)

Após combater os paraguaios nessa região, não foi possível capturar o gado que se visualizava e a falta de víveres levou o coronel Camisão a decidir pela retirada. Teria início então célebre movimento retrógrado conhecido como a retirada da Laguna. Uma operação que durou 35 dias e percorreu 39 léguas, tendo sido acometida no caminho por ataques de tropa e inimiga e diversas doenças, como o cólera, que causaram significativas baixas ao efetivo. (Taunay, 1875).



Figura 4 – A Retirada da Laguna

Fonte: (Estigarríbia, 2023)

### 3.3 A Retomada de Corumbá

Após a invasão paraguaia a elite da província de Mato Grosso situada em Cuiabá não empreendeu esforço imediato para retomar a cidade de Corumbá do domínio paraguaio. Somente em 1867 é que esse problema foi decididamente resolvido.

O governo da província de Mato Grosso sediado em Cuiabá não dispunha de recursos humanos ou materiais suficientes para combater de forma efetiva a tropa paraguaia que ocupava a região Sul da província, principalmente a cidade de Corumbá. As providências tomadas pelas autoridades provinciais se destinavam a proteger a capital da Província de uma invasão paraguaia, que acabou não ocorrendo. Assim, o almirante Leverger, futuro barão de Melgaço, foi designado pelo presidente da província para estabelecer um dispositivo defensivo no rio Cuiabá na região da vila de Melgaço, que possibilitasse a proteção da capital de um ataque paraguaio.



Figura 5 – Tropa saindo de Cuiabá para retomar a cidade de Corumbá

Fonte: arquivo do autor

Em fevereiro de 1867, Couto de Magalhães assumiu o cargo de presidente da Província de Mato Grosso e decidiu tomar uma providência a respeito da situação da cidade de Corumbá, que estava sob ocupação das tropas de López desde o início da guerra. O plano de retomar a cidade foi apresentado pelo capitão Antônio Maria Coelho, que conhecia bem os rios da região de Corumbá. O plano consistia em deslocar-se pelo rio Paraguai até o furo do Paraguai-Mirim, que lhe permitiria desembarcar a jusante da cidade e posteriormente atacá-la de surpresa por terra. Couto de Magalhães aceitou o plano de Antônio Maria Coelho, comissionou-lhe no posto de tenente-coronel e designou-o como comandante da expedição destinada a retomar Corumbá dos paraguaios (Doratioto, 2002).

Em 15 de maio de 1867, o tenente-coronel Antônio Maria Coelho partiu de Cuiabá com a missão de retomar a cidade de Corumbá. Conduziu um efetivo de aproximadamente mil homens embarcados, desembarcou a 25 km de Corumbá na Fazenda Rabicho e no dia 13 de junho de 1867 atacou e retomou a cidade, mas teve que abandoná-la logo em seguida devido a epidemia de varíola que assolava a cidade. Dessa forma, a retomada de Corumbá foi um exemplo de uma Operação Ribeirinha realizada com sucesso, na qual os princípios de guerra da surpresa e da

manobra foram empregados de forma eficaz, contribuindo para o cumprimento da missão (Doratioto, 2002).

Um aspecto importante sobre as Operações Ribeirinhas ressaltado pela retomada de Corumbá foi o estudo adequado do terreno. O conhecimento do terreno, principalmente as suas vias fluviais, é fundamental para o sucesso nesse tipo de operação. A experiência previa de Antônio Maria Coelho foi o que lhe permitiu conceber essa manobra com elevado grau de sucesso, tendo em vista não que não existiam cartas terrestres e náuticas detalhadas da região na época. Assim, fica evidente que os conhecimentos atualizados do terreno, incluindo áreas com alagamentos sazonais, é altamente desejável para a execução de operações na área.

No campo da Doutrina Militar Terrestre essas operações evidenciaram a importância do adestramento e preparação para execução de Operações Ribeirinhas e Operações Defensivas peculiares como a Defesa de Ponto Forte, Defesa Circular e Defesa em larga frente.



#### 4. DOCTRINA MILITAR TERRESTRE NA REGIÃO DO PANTANAL

O Pantanal é uma das maiores áreas inundáveis do mundo. Possui uma área de aproximadamente 150.000 Km<sup>2</sup> no território nacional dividido entre os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A região do Pantanal é uma vasta planície aluvial que se estende ao longo de rios que drenam a bacia do Alto Paraguai, abrangendo uma rica biodiversidade de fauna e flora. Além disso, essa área é fortemente influenciada por quatro outros grandes biomas Brasileiros: Amazônia, Cerrado, Chaco e Mata Atlântica. Tão grande é a sua importância e singularidade que a UNESCO reconheceu o Pantanal como Reserva da Biosfera em 2000, devido à sua exuberância e diversidade como uma das mais notáveis reservas naturais da Terra. O Pantanal é cortado pelo rio Paraguai e seus afluentes, criando extensas áreas inundadas que servem como habitat para uma variedade de peixes, como o pintado, o dourado e o pacu, além de abrigar animais como jacarés, capivaras, ariranhas e diversas espécies. Esta região também abriga populações saudáveis de animais ameaçados de extinção em outras partes do Brasil, como o cervo-do-Pantanal, a capivara, o tuiuiú e o jacaré.

Devido à baixa declividade da planície, a água das cabeceiras do rio Paraguai leva quatro meses ou mais para atravessar todo o Pantanal, dando origem a uma variedade de ecossistemas, incluindo cerrados e cerradões que não sofrem alagamento periódico, campos inundáveis, lagoas de água doce ou salobra, rios, vazantes e corixos. O clima na região varia de quente e úmido no verão a frio e seco no inverno. A maior parte dos solos é arenosa e suporta pastagens nativas que alimentam os herbívoros locais, bem como o gado bovino, que foi introduzido pelos colonizadores. É importante notar que o Pantanal não é uma única entidade homogênea, mas sim composto por 11 pantanais distintos, cada um com suas próprias características de solo, vegetação e clima, incluindo Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paraguai, Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho. (EMBRAPA, 2023)

É uma região de grande biodiversidade e que tem peculiaridades que geram restrições para o emprego militar. Desse modo, o planejamento e a execução de operações militares devem levar em consideração as diversas características do terreno deste ambiente, evitando empregar a tropa de forma idêntica ao que é realizado em outras regiões.



Figura 6 – Mapa da área do Pantanal

Fonte: arquivo do autor

O rio Paraguai é o principal rio da região, e o seu transbordamento sazonal é o que dá nome ao Pantanal. Essa situação faz com que haja uma predominância das Operações Ribeirinhas na área e a necessidade de adaptações nos demais tipos de operação como as defensivas.

A vasta quantidade de terrenos planos com baixo valor defensivo dificulta a realização de Defesa de Área de forma tradicional, sendo preferível a Defesa de Ponto Forte sem apoio mútuo.

A localização fronteiriça do Pantanal também faz com que as Operações de Coordenação e Cooperação com Agências (OCCA) também sejam constantes, para contribuir com a segurança por meio da repressão aos crimes transfronteiriços e ambientais.

As dificuldades sentidas pela tropa Brasileira durante a Campanha do Mato Grosso, levaram o Exército a concluir que o terreno do Pantanal tem peculiaridades que devem ser levadas em conta durante qualquer planejamento e execução de atividades militares na região. A necessidade de meios fluviais tornou-se flagrante durante todos aqueles eventos, tendo em vista a grande dificuldade encontrada nos

deslocamentos por terra em grande parte dos terrenos alagados, conforme foi observado em eventos como a Retirada da Laguna.(TAUNAY, 1975)

Embora os ríos e as áreas alagadas se constituam como obstáculos para o emprego de viaturas de qualquer natureza, o rio Paraguai e alguns de seus afluentes são navegáveis a maior parte do ano em toda a sua extensão. Este fato faz com que seja possível empregar os ríos como vias de acesso, utilizando-se de meios fluviais de grande porte, capazes de carregar grande quantidade de tropas e suprimentos toda as classes. Dessa forma, não é possível considerar a região do Pantanal como uma área totalmente passiva, na qual não seria possível realizar operações militares devido as dificuldades do terreno.

A Hidrovia Paraná-Paraguai que vai de Cáceres-MT até Nueva Palmira no Uruguai, é a via fluvial mais importante da região. Seu trajeto inclui trechos no Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai e conecta a região do Pantanal com o Oceano Atlântico. A Marinha do Brasil tem uma preocupação especial em manter a livre navegação nesses ríos, buscando evitar a repetição de eventos como os que iniciaram a Guerra da Tríplice Aliança. O desenvolvimento dos modais de transporte rodoviário e ferroviário ocorrido ao longo do século XX diminuiu a dependencia da região do transporte fluvial, mas não diminuiu a sua importância, devido as suas vantagens de menor custo e maior capacidade de carga, fato que tem consequências estratégicas no campo logístico. Assim, verifica-se que a região do Pantanal é acessível ao poder naval de uma potência estrangeira com capacidade de controlar a navegação nessa hidrovia, fato que justifica a presença do 6º Distrito Naval na região.

Quanto ao fator de decisão inimigo, as Operações no Pantanal também se revestem de diversas peculiaridades. As características da vegetação pantaneira de possuir diversos capões de mata em meio a planície, muitos deles localizados em áreas particulares, fornece diversas áreas de homizio para guerrilheiros. Assim, a região se configura como um palco em potencial para a realização de Operações Contra Forças Irregulares, em um ambiente operacional não linear.

Tal abordagem não exclui a possibilidade da realização de operações ofensivas e defensivas em diversas áreas do Pantanal. Isto ocorre devido a existencia de diversas diferenças entre as sub-regiões do Pantanal, que influenciam na existencia de áreas sujeitas a alagamento em diferentes épocas do ano em condições de terreno que podem ou não se repetir ao longo dos anos, tendo em vista a dinâmica climática da região. Assim sendo, as diversas idiosincrasias da

planície pantaneira permitem que sejam realizadas operações em níveis de intensidade, atitudes e tipos de operação diferentes.

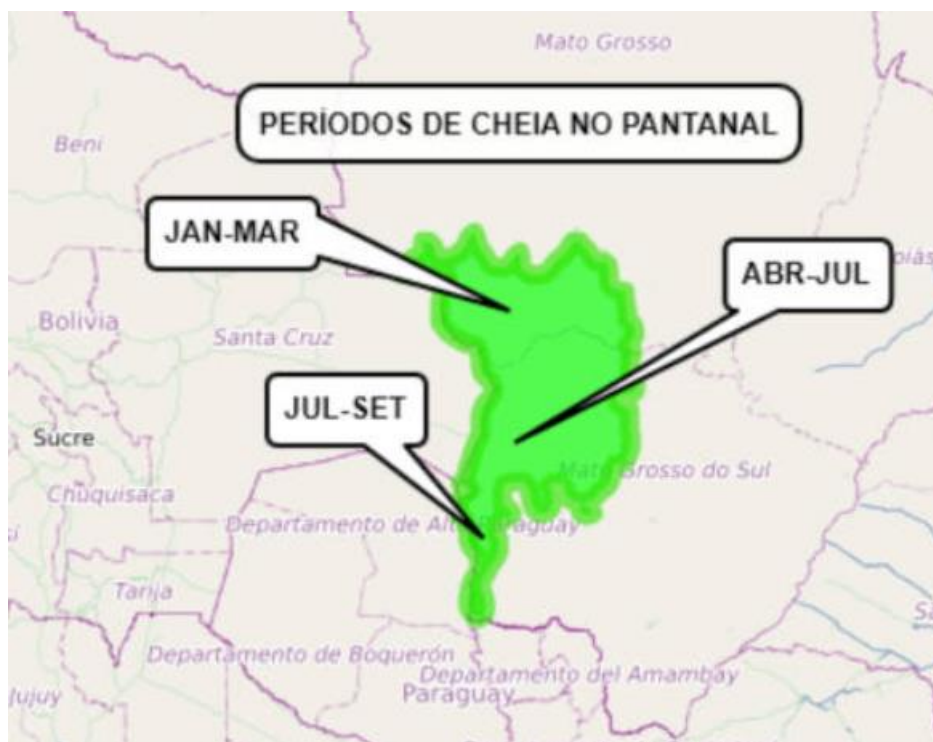


Figura 7 – Períodos de cheia no Pantanal

Fonte:arquivo do autor

Para o Exército o conhecimento sobre as capacidades da Marinha do Brasil é fundamental, tanto para a realização de operações conjuntas como para a cooperação nas atividades realizadas de forma singular. A Força Terrestre tem buscado pautar suas ações na área buscando aumentar a interoperabilidade e a complementaridade com as demais Forças Armadas, com destaque para a Marinha. Tal fato tem significativas influências no campo doutrinário, pois o Pantanal é uma área ribeirinha, e como tal as operações realizadas neste ambiente devem levar em conta este fato (BRASIL,2020). Dessa forma, ainda que não tenha uma Doutrina Militar Terrestre completamente exclusiva, o Pantanal se reveste de diversas peculiaridades que demandam a aplicação de diferentes conceitos doutrinários oriundos de diversas áreas.

Os eventos da Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança ainda fazem-se presentes na Doutrina Militar Terrestre aplicada na região do Pantanal. Ainda que muito tempo já tenha se passado desses eventos, e que os bravos soldados

paraguaios não sejam mais o inimigo a ser combatido; os ensinamentos daquela Guerra ainda influenciam a forma que o Exército visualiza seu emprego na planície pantaneira. Ainda que as mudanças tenham sido marcantes até o dia de hoje e seja difícil traçar paralelos entre a doutrina atual e a doutrina da época da guerra do Paraguai, é possível identificar diversos aspectos da doutrina empregada atualmente no ambiente operacional do Pantanal, tais como: o desenvolvimento das operações ribeirinhas conjuntas ou singulares, o adestramento em formas peculiares de operações defensivas, como a Defesa de Ponto Forte e as operações Contra Forças Irregulares.

#### **4.1 Operações Ribeirinhas**

De acordo com o MD33-M-15 Manual de Operações Ribeirinhas do Ministério da Defesa, Operações Ribeirinhas são aquelas levadas a efeito em águas interiores e em áreas terrestres a elas adjacentes por forças militares que empregam meios navais, terrestres e aéreos, podendo ser desencadeadas por Forças Singulares ou Conjuntas. (BRASIL, 2020). Ainda de acordo com esse manual:

São operações militares realizadas por uma Força organizada atendendo ao cumprimento da missão, levando-se também em consideração seu efetivo, composição das forças e o apoio logístico necessário. O propósito da organização nas Op Rib. é a formação de uma Força para atuar em terra, nos rios e no ar, inteiramente integrada e ajustada especificamente para prover a mobilidade necessária, unidade de comando, grau adequado de controle do ar e superioridade de fogos, a fim de obter o controle de parte ou de toda uma A Rib ou a sua negação ao inimigo (BRASIL,2020 p.15)

Essas definições permitem concluir que o Pantanal é uma área ribeirinha por excelência e um palco provável da execução de operações ribeirinhas em diferentes níveis de intensidade. A memória da invasão fluvial comandada por Vicente Barrios ainda se mantém viva e comprova a importância desse tipo de operações para a manutenção do controle da navegação nas vias fluviais do Pantanal. Assim, o Exército Brasileiro tem incrementado suas capacidades de empregar meios fluviais, buscando adquirir capacidades cada vez mais consistentes neste tipo de operação na região pantaneira.

É importante ressaltar que não há conflito de competências entre o Exército e a Marinha nas Operações Ribeirinhas, sendo estas conjuntas ou singulares, embora existam diversas tarefas realizadas de forma semelhante. A missão de garantir a livre

navegação nos rios da região é cumprida pelo 6º Distrito Naval, enquanto a Força Terrestre é vocacionada para as operações terrestres realizadas nas áreas adjacentes às vias fluviais buscando conquistar a objetivos com maior profundidade.

Ainda que possam ser realizadas de forma singular, as Operações Ribeirinhas são realizadas prioritariamente de forma conjunta. Assim, é possível aproveitar melhor as possibilidades de cada Força e atenuar suas limitações. Dessa forma, a constituição de uma Força Conjunta Ribeirinha permite grandes vantagens para o andamento das operações em diferentes níveis de intensidade.

## 4.2 Operações Defensivas

O manual EB70-MC-10.202 Operações Ofensivas e Defensivas define operações defensivas da seguinte forma:

As **operações defensivas** (Op Def) são operações terrestres realizadas para conservar a posse de uma área ou negá-la ao inimigo, e, também, para garantir a integridade das forças amigas. Normalmente, neutraliza ou reduz a eficiência dos ataques inimigos sobre as áreas ou as forças defendidas, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva (BRASIL, 2017 p.4-1)

As características do ambiente pantaneiro não fornecem condições ideais para a realização de operações defensivas clássicas. O baixo valor defensivo do terreno pode ser verificado pela escassez de elevações que permitam comandamento sobre áreas adjacentes. Esse fato faz com que as elevações da região somente sejam consideradas como acidentes capitais quando tem dominância sobre vias fluviais de importância. Assim, as características do terreno condicionam o planejamento e a execução das operações na área pantaneira, inviabilizando a execução de operações clássicas como a Defesa de Área.

A impossibilidade de conseguir apoio mútuo entre regiões muito distantes entre si, conduz o planejamento para que os poucos acidentes do terreno que possuem valor defensivo sejam defendidos de forma isolada. Assim, verifica-se a necessidade de realizar Operações de Defesa de Ponto Forte, realizada de forma circular, de forma a garantir a posse de acidentes capitais típicos da região como

elevações que dominam importantes passagens fluviais, confluências, portos, pistas de pouso e localidade

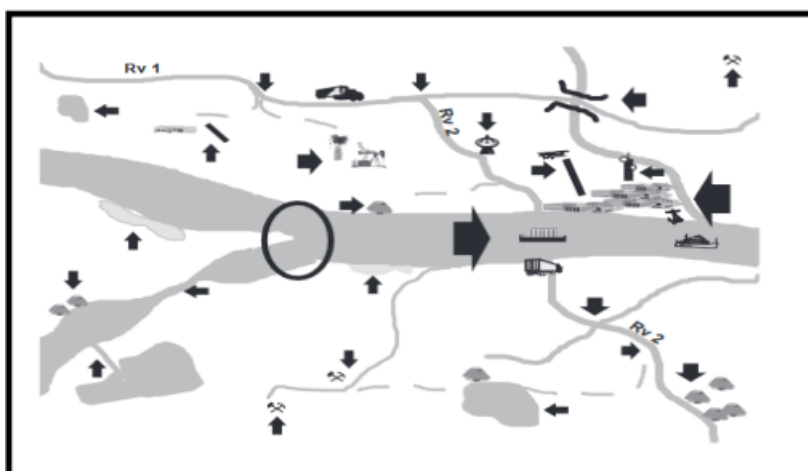


Figura 8 – Acidentes Capitais em áreas ribeirinhas

Fonte: (BRASIL, 2023)

Os ataques realizados ao Forte de Coimbra em 1801 e 1864 evidenciaram que montagem de um dispositivo defensivo na margem dos rios também pode ser utilizado para retardar o avanço de uma Força Naval inimiga, apesar de existirem poucas posições com valor defensivo nas vias fluviais. A canalização do movimento fluvial proporcionada pelos rios, também permite a realização de Movimentos Retrógrados como a Ação Retardadora, desde que haja disponibilidade de meios navais que possibilitem o retraimento entre as posições de retardamento previamente preparadas, contribuindo para o desgaste do inimigo e para a manutenção da livre navegação.

### 4.3 Operações Ofensivas

O manual EB70-MC-10.202 Operações Ofensivas e Defensivas define operações ofensivas da seguinte forma:

“As **operações ofensivas** (Op Ofs) são operações terrestres agressivas nas quais predominam o fogo, o movimento, a manobra e a iniciativa, para a conquista de objetivos, destruindo ou neutralizando as forças inimigas” (BRASIL, 2017 p 3-1).

As Operações Ofensivas são fundamentais para alcançar a vitória no campo de batalha. (BRASIL,2017). Tal acepção também é válida no ambiente

operacional do Pantanal, no qual a iniciativa das ações também é condição imprescindível para alcançar resultados positivos. Assim, o espírito ofensivo da tropa deverá ser alcançado e mantido constantemente, evitando conceder ao inimigo a vantagem de obter a surpresa.

As dificuldades do terreno restringem o emprego de grandes formações blindadas na maior parte do ano na maioria das regiões. No entanto, algumas regiões permitem deslocamentos de viaturas de qualquer natureza em época de seca, em áreas que possuem grande variação sazonal de alagamento. Assim, percebe-se o Estudo pormenorizado do terreno permite aproveitar diversas vantagens para a realização de operações ofensivas, utilizando-se de diversas capacidades militares terrestres.

A combinação de meios navais, terrestres e aéreos, quer sejam simultâneos ou sucessivos, é a forma principal de emprego da tropa em operações ofensivas no ambiente operacional do Pantanal. O emprego conjunto das Forças Armadas é fundamental para garantir as condições para a realização de ações ofensivas na região, tendo em vista suas peculiaridades, que dificultam o emprego da Força Terrestre de forma singular. Dessa forma, é fundamental manter o adestramento conjunto de forma constante, garantindo a interoperabilidade.

Para a Força Terrestre, as principais operações ofensivas que tem maior possibilidade de serem realizadas no Pantanal são a Marcha para o Combate e o Ataque. Ambas se revestem de peculiaridades, devido as adaptações demandadas pelo terreno.

A Marcha para o Combate Fluvial é uma operação ofensiva peculiar do ambiente operacional do Pantanal. Se diferencia de uma operação ribeirinha, por estar enquadrada em um contexto ofensivo, ao contrário das operações ribeirinhas que são consideradas operações complementares. Dessa forma a Marcha para o Combate Fluvial normalmente é destinada a conquistar objetivos que permitam o desembarque de tropas e o posterior início das operações em terra, mantendo a iniciativa das ações.

Para executar uma Marcha para o Combate Fluvial, uma GU precisa de uma grande quantidade de meios fluviais variados que permitam cumprir as diferentes tarefas necessárias para executar o deslocamento. O escalonamento de forças deve ser similar ao de uma Marcha para o Combate Terrestre, fazendo-se as adaptações necessárias para a execução do movimento fluvial. Dessa forma, a predominância das vias fluviais no Pantanal, permitindo o estabelecimento do contato com o inimigo.



O Ataque, tanto coordenado como de oportunidade, normalmente é realizado após uma Marcha para o Combate Fluvial. Após o desembarque, o ataque pode ser realizado contra posições inimigas mais distantes do curso d'água. Apesar da dificuldade de empregar veículos blindados e outros meios com maior poder de fogo, esse tipo de ataque pode ser realizado de forma convencional, após o desembarque de meios de Ap F.e outros meios de apoio ao combate Assim, a Força Terrestre deve estar apta a desembarcar todo o material e pessoal necessário para uma operação de ataque na região do Pantanal, permitindo não haver solução de continuidade entre operações navais e terrestres.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o término da Guerra da Tríplice Aliança em 1870, o governo Imperial tomou diversas providências para evitar outro desastre como o ocorrido com a invasão paraguaia em 1864. O exército ganhou importância, fortes foram erigidos e foi aumentado o efetivo militar da província em relação ao período anterior ao conflito.

A livre navegação no rio Paraguai foi garantida e posteriormente a província deixou de ser isolada por terra, devido a construção de uma ferrovia que ligava Corumbá ao Porto de Santos.

A memória do conflito, levou o Exército a fortalecer sua presença na região e criou grandes comandos para executarem essa tarefa. Assim foram criadas diversas organizações militares na região do Pantanal, que passaram a desenvolver uma doutrina de emprego adequada às especificidades da região pantaneira.

O adestramento passou a incluir as operações ribeirinhas tanto singulares como conjuntas com a Marinha do Brasil e passou a desenvolver aspectos peculiares da doutrina militar terrestre adaptados ao terreno da região do Pantanal.

Inicialmente, ainda no período imperial foram construídos diversos fortes na região, buscando complementar o sistema defensivo representado por fortificações remanescentes do período colonial como os Fortes de Coimbra e do Príncipe da Beira. Dessa forma, foram construídos diversos fortes na cidade de Corumbá, dos quais o Forte Junqueira é o único ainda existente.

Outro aspecto observado ainda nesse período foi incremento da presença da Marinha do Brasil na região. Ainda em 1873, foi construído o Arsenal de Marinha de Ladário, no local onde hoje se encontra o 6º Distrito Naval. A partir dessa providência, o Estado Brasileiro passou a dispor de maiores meios para a manutenção da soberania nos rios do Pantanal. Posteriormente, a presença da Força Naval permitiu o surgimento e a aplicação de uma doutrina de operações ribeirinhas que levasse em conta as peculiaridades do ambiente do Pantanal.

A Operação realizada pelo Cel Barrios por ocasião da invasão paraguaia pode ser considerada uma Marcha para o Combate Fluvial, tendo sido o Forte de Coimbra seu primeiro objetivo de marcha. Ainda que tanto a doutrina como o equipamento sejam completamente diferentes dos atuais, vários ensinamentos podem ser colhidos da análise deste fato histórico, tanto de um lado quanto do outro do conflito. (Barroso, 1945)

Pelo lado paraguaio, foi possível identificar várias falhas que o levaram a ter diversas baixas no ataque ao Forte de Coimbra, que foi o combate no qual enfrentou maior resistência. Sua falta de conhecimento do terreno da região e sua tática inadequada o levou a fazer sucessivos ataques frontais contra as muralhas defendidas pelos soldados Brasileiros. Ainda que as fortificações como o Forte de Coimbra não sejam mais construídas atualmente e que os meios navais disponíveis tenham muito mais flexibilidade e possibilidades, ainda hoje não seria aconselhável desembarcar em terreno plano bem a frente do forte, onde os campos de tiro eram extremamente favoráveis aos defensores. Dessa forma, a realização de desembarque em áreas não defendidas pelo inimigo foi uma das lições aprendidas com a ofensiva fluvial das tropas de López.

Do lado Brasileiro, os principais ensinamentos colhidos foram quanto a necessidade de manutenção do estado de prontidão de forma contínua em toda a faixa de fronteira. Esse fato fez com que o Exército passasse a ampliar progressivamente sua presença nessa região, buscando evitar a obtenção da surpresa por qualquer outra tropa estrangeira. Posteriormente, com a resolução de todas as pendências territoriais com países vizinhos, a presença da Força Terrestre na fronteira continuou como importante elemento dissuasor para qualquer ameaça, além de colaborar no combate a ilícitos transfronteiriços e ambientais nessa região, consolidando a presença do Estado e colaborando para o seu desenvolvimento.

O incremento de capacidades também foi marcante na região do Pantanal. A memória do conflito também teve papel importante nesse processo, tendo em vista que foi um dos fatores que motivou o desenvolvimento de diversos aspectos da Doutrina de Operações no Pantanal, principalmente as Operações Ribeirinhas. A própria atividade de vigilância da fronteira na região depende de meios fluviais, tendo em vista a falta de acesso terrestre para diversos pontos na fronteira, particularmente os Pelotões Especiais de Fronteira de Forte de Coimbra, Porto Índio e Barranco Branco, na área da 18ª Bda Inf Pan. Assim, o Exército buscou dotar as tropas da região de meios fluviais com capacidade de realizar operações ribeirinhas e patrulhar a faixa de fronteira.

## 7. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo principal apresentar a doutrina de operações no Pantanal e sua relação com a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança. Para isso foram elencados alguns objetivos intermediários como, compreender os aspectos táticos da Campanha do Mato Grosso; Identificar os principais aspectos da doutrina de Operações no Pantanal; e analisar as principais providências tomadas pelo Exército após a Guerra da Tríplice Aliança que influenciaram o legado histórico da Campanha de Mato Grosso para a Doutrina Atual de Operações no Pantanal

Foi possível observar que a os eventos ocorridos na então província de Mato Grosso durante a Guerra da Tríplice Aliança tiveram grandes consequências ao longo do tempo e também influenciaram o surgimento de uma Doutrina de Operações no Pantanal no Exército Brasileiro.

Nesse contexto, a análise dos eventos históricos ocorridos na Campanha do Mato Grosso permitiu que fosse possível inferir sobre a sua importância para o desenvolvimento do Exército Brasileiro, o que se observa até os dias de hoje

Este estudo, buscou inovar ao relacionar os eventos ocorridos no conflito do Império do Brasil contra as tropas do ditador paraguaio Solano López com o desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre brasileira particularmente aquela aplicada na região do Pantanal.

O trabalho serve de subsídio para pesquisas futuras que tenham como tema as Operações no Pantanal e a Campanha do Mato Grosso da Guerra da Tríplice Aliança, uma vez que estes temas são recorrentes em pesquisas tanto do campo da História Militar como da Doutrina Militar Terrestre. Diante dos fatos, cresce de importância este estudo, pois permite reavivar o interesse pelo estudo da História Militar e o culto aos vultos históricos nacionais

Um limitador para esta pesquisa, foi a escassez de fontes primárias sobre alguns eventos ocorridos na Guerra do Paraguai, bem como o desenvolvimento ainda hoje embrionário da Doutrina de Operações no Pantanal.

Verifica-se que o conhecimento da História Militar é fundamental para qualquer militar que se disponha a liderar com eficácia sua tropa. Para a instituição Exército Brasileiro, a importância de preservar a memória tem diversas finalidades, dentre as

quais se pode citar valorizar os feitos dos antepassados e colher valorosas lições aprendidas.

Por fim, a Doutrina de Operações no Pantanal tem-se mostrado necessária e capaz de evoluir ao longo do tempo incorporando novos equipamentos, táticas, técnicas e procedimentos, mas sem perder a sua essência, mantendo-se fiel aos valores arraigados pela Força e mantendo o culto aos feitos dos antepassados.

## REFERÊNCIAS

- BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- BORGA, Ricardo N. Questões do Prata: Guerra da Tríplice Aliança. **O conflito que mudou a América do Sul**. Clube de Autores, 2010.
- BRANCO, Édyno Marques Alves. **Análise do emprego do projeto estratégico SISFRON no combate aos principais crimes transfronteiriços na área da 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira**. 2019.
- BRASIL. Exército. EB70-MC-10.202. **Operações Ofensivas e Defensivas**. 1ª Edição. Brasília,DF, 2017.
- BRASIL. Marinha. CGCFN-1-2: **Manual de Operações Ribeirinhas dos Grupos Operativos de Fuzileiros Navais**. 1ª Edição. Rio de Janeiro, RJ,2008.
- CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (Org.). **Nova História militar Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV/Bom Texto, 2004.
- CERQUEIRA, Dionisio. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865–1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- DE BRITO FILHO, J. M. A Invasão do Mato Grosso (1964-1965). **A Defesa Nacional**, n. 723, 25 jun. 2020.
- DE QUEIROZ DUARTE, Paulo. **Os voluntários da pátria na Guerra do Paraguai**. Biblioteca do Exército Editora, 1992.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. A ocupação político-militar Brasileira do Paraguai (1869-1876). **CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. Nova história militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 209-236, 2004.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- EMBRAPA. O Pantanal. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/pantanal/apres-entao/o-pantanal>>. Acesso em 28 de setembro de 2023.
- ESSELIN, Paulo Marcos. **Guerra Grande**. Brasil, PPGH, Programa de Pós-Graduação em História, UFP, 2017.
- ESTIGARRÍBIA, Pedro Paulo Cantalice. "A retirada da Laguna." EBAcervo. Acesso em 24 de setembro de 2023. Disponível em: <http://ebacervo.eb.mil.br/items/show/293>
- FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, v. 1–5.
- IZECKSOHN, Vitor. **O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002
- KIFFER, André Geraque. **Campanha do Mato Grosso na Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1980.
- KIFFER, André. **Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Três, 1975.
- LIMA, Luiz Otávio. **A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- MENEZES, Alfredo da Mota. **A guerra é nossa : a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai**. São Paulo, Sp: Editora Contexto, 2012.

ROSTY, Cláudio Skora. A Guerra da Tríplice Aliança. **Verde Oliva**, n. 236, p. 6-13, 2017.

SALLES, R. **Guerra do Paraguai : memórias & imagens**. Rio De Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional, 2003.

TAUNAY, Visconde de. Retirada da Laguna. São Paulo: Editora Martin Claret, 2012

THOMPSON, George. War in Paraguay. Longmans, Green, and Co., 1869